

O olho na arquitetura das salas de cinema

João Luiz Veira e Margareth C. S. Pereira

Espaços do Sonho/João Luiz Veira



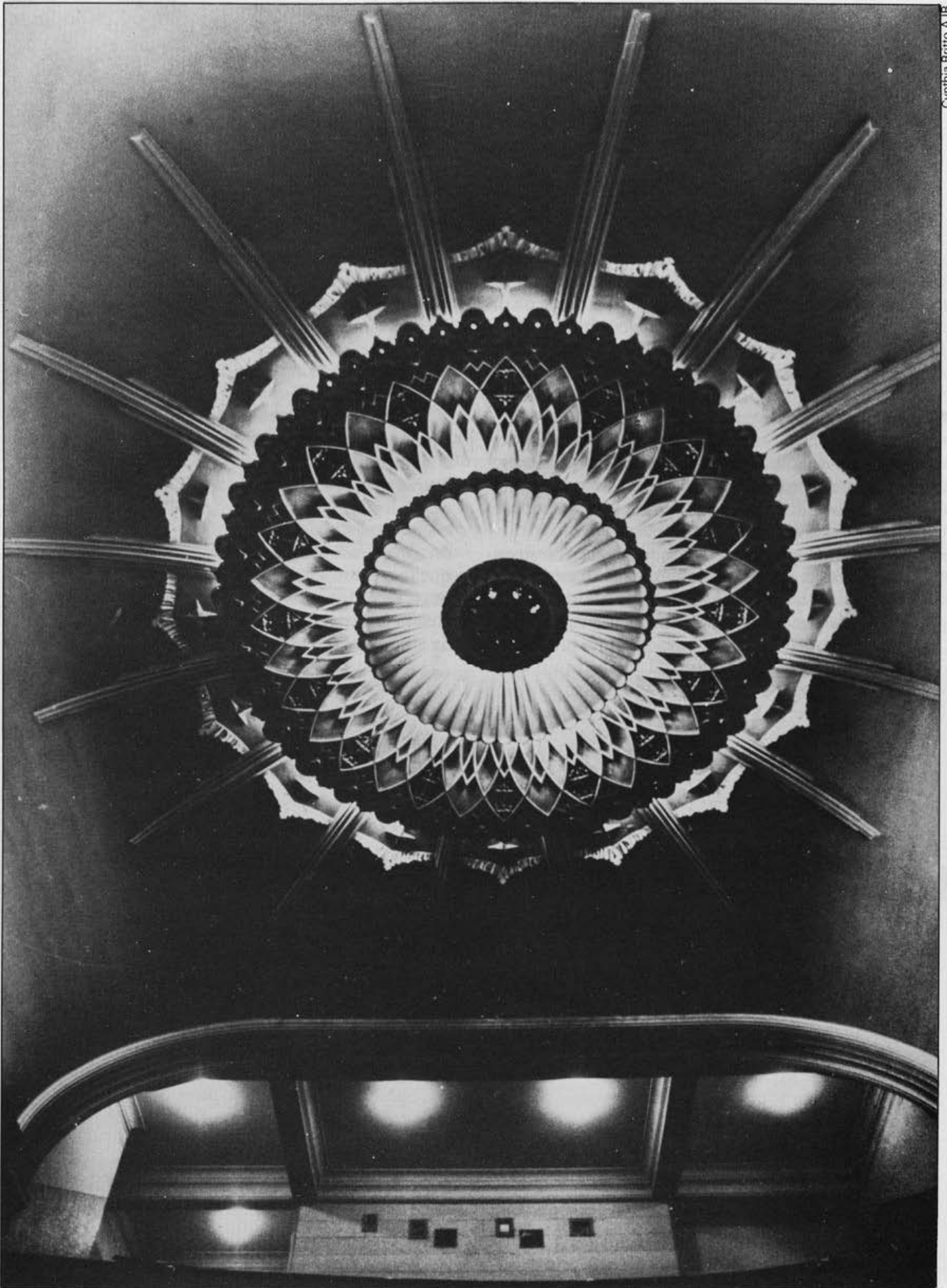
No Cinema Irajá (Rio) o antropomorfismo pode ser observado na fachada: o espectador entra pela "boca".

A perspectiva herdada do Renascimento, código dominante na cultura ocidental, tem no cinema clássico narrativo, em particular, seu grande reprodutor. O cinema em geral, no desenvolvimento ótico de seus aparelhos como a câmera e o projetor, consagra esta convenção particular que faz do *olho* do sujeito o elemento central na representação. Presente em grande parte dos cinemas e sob as mais variadas formas, a própria arquitetura inscreve o *olhar* como uma de suas formas fundamentais no repertório das salas de exibição.

Em sua maioria, esses olhos aparecem principalmente nas portas de entrada que dão diretamente às salas, mas são encontrados também exteriormente. O antropomorfismo é evidente, na medida em que a posição e colocação desses olhos estabelecem uma relação perfeita com o nariz — os puxadores das portas —, ou com a boca, como na entrada do Cinema Irajá. Nas portas que dão acesso à sala de projeção, esses olhos provocam no espectador a

sugestão da existência de um mundo lá dentro, hermeticamente fechado e que se desenrola magicamente, indiferente à presença dos espectadores e jogando, assim, com suas fantasias *voyeuristas*. Do lado de fora, os olhos relembram também a "câmera obscura". O cinema é, desta forma, a ampliação daquelas pequenas caixas que o espectador, do lado de fora, espiava.

O paralelo da câmera e o olhar do sujeito deve ser o ponto de partida para a indagação sobre certas formas construídas espacialmente, perceptíveis e reincidentes na arquitetura dos cinemas. Nas salas de projeção, nos seus espelhos e nos visores das portas de acesso à sala e nas fachadas, o espectador é estimulado nos seus movimentos de projeção e identificação. Ainda na rua, ou já na própria sala, ele é sempre lembrado de sua posição como *voyeur*, ou seja, a de um sujeito que olha outro sujeito. A arquitetura trabalha no sentido de aguçar a sua face narcisista.



A sugestão do olho aparece na arquitetura de muitos cinemas, como no expressivo lustre do Pathé (Rio).